

## Fases de Aquisição de Uma Língua de Sinais

### Acquisition phases of Sign Language

Felipe Aleixo\*

\*Universidade Federal de Roraima, UFR, Boa Vista - RR, 69310-000,  
e-mail: felipemaleixo@gmail.com

**Resumo:** Neste ensaio, baseado sobretudo nos estudos de Baker, Bogaerde e Jansma (2016) e de Pfau, Steinbach e Herrmann (2016), apresentamos as fases por que passam os bebês surdos, desde seu nascimento, para adquirirem uma língua de sinais como L1. Transitamos teoricamente, então, entre os períodos pré-linguístico, de uma palavra, das primeiras combinações, das combinações múltiplas até o estágio mais avançado. Tecemos, ainda, alguns comentários sobre a aquisição de segunda língua por crianças surdas. É importante dizer que aqui não consideramos, embora seja preciso, não só o contexto linguístico para o desenvolvimento das LS, como também o contexto extralinguístico. Por exemplo, crianças surdas filhas de pais surdos tendem a ter um processo de aquisição de uma LS de forma mais satisfatória do que crianças surdas filhas de pais ouvintes que dominam apenas uma LO. Além disso, há discussões importantes sobre surdos que usam implantes cocleares: alguns consideram que podem aprender apenas uma LO; outros que devem ser bilíngues bimodais (ou seja, dominar uma língua oral e uma língua de sinais). Esses assuntos precisam, ainda, ser mais bem desenvolvidos.

**Palavras-chave:** Libras. Línguas de Sinais. Aquisição da Linguagem.

**Abstract:** In this essay, based mainly on the studies by Baker, Bogaerde and Jansma (2016) and Pfau, Steinbach and Herrmann (2016), we present the stages that deaf babies go through from birth to acquire a sign language (L1). We then theoretically move between the pre-linguistic periods, from one word, from the first combinations, from multiple combinations to the most advanced stage. We also make some comments about the acquisition of second language by deaf children. It is important to say that we do not consider here, although it is necessary, not only the linguistic context for the development of LS, but also the extralinguistic context. For example, deaf children born to deaf parents tend to have a more satisfactory process of acquiring an LS than deaf children born to hearing parents who dominate only one LO. In addition, there are important discussions about deaf people using cochlear implants: some consider that they can learn only one LO; others who must be bimodal bilinguals (ie master an oral language and a sign language). These issues need to be further developed.

**Keywords:** Libras. Sign Languages. Language Acquisition.

## INTRODUÇÃO

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, por meio do censo realizado no ano de 2010, há, no Brasil, quase dez milhões de surdos. É

uma considerável parcela da população que vive em uma sociedade que, embora reconheça oficialmente, não domina sua língua natural: a Libras. Embora haja poucos estudos no âmbito da Linguística sobre essa língua, tem surgido, nos últimos anos, um maior interesse não só da comunidade acadêmica como também da sociedade em geral com relação ao conhecimento teórico e prático da Libras.

Assim, apresentamos, neste ensaio, como se realiza o processo de aquisição de aprendizagem de uma língua de sinais. Muito do que trataremos aqui levará em consideração o estudo realizado por línguas de sinais de outros países, uma vez que, como dissemos, são poucos os trabalhos desenvolvidos tendo a Libras como foco. No entanto, essas reflexões servem para motivar novas experiências teóricas sobre a Língua Brasileira de Sinais.

## O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA DE SINAIS

Embora tenhamos dito, na introdução deste ensaio, que as línguas de sinais (de agora em diante LS) são pouco conhecidas no contexto brasileiro, já não é tão novidade assim, na comunidade acadêmica voltada ao estudo e à descrição das línguas, a inserção das línguas de sinais no grupo oficial das línguas naturais. E as pesquisas que comprovam a naturalidade dessas línguas estão se tornando fortes no cenário acadêmico mundial, de forma que cada vez mais linguistas estão voltando seus olhares a elas. Apesar de parecerem recentes, indícios de que as línguas de sinais seriam formas naturais de línguas, com funcionamento e estrutura próprios, já são sinalizados por Saussure (1916), mas evidentemente concretizados com a publicação, de Stokoe (1960), de “Sign language structure”, obra que deu a esse último o título de “pai das línguas de sinais”.

Eu percebi que, quando essas pessoas surdas estavam juntas e comunicando-se umas com as outras, o que elas estavam comunicando era em uma língua, mas não a língua de outros; já que não era Inglês, aquilo só podia ser a sua própria língua. Não havia nada “quebrado” ou “inadequado” nela; eles se saíam esplendidamente bem com ela (STOKOE, 1960, p. 55, grifos do autor, tradução nossa).

É importante que enfatizemos essa questão sobre a naturalidade das línguas de sinais porque, durante muito tempo, elas foram consideradas como uma “forma de linguagem” mais rudimentar, não sendo reconhecidas sob o estatuto de “línguas”. Inclusive, chegaram a ser proibidas.

De acordo com Rodrigues e Almeida-Silva (2017), a história dos surdos, apesar de contar atualmente como diversos avanços com relação aos seus direitos e capacidades, está marcada por períodos de total desrespeito. A proibição do uso das línguas de sinais permeou mais de um século, desde o Congresso de Milão em 1880 até meados de 1980. Nesse período, os surdos eram “forçados” a aprender as línguas orais, por meio da leitura labial. Aqueles que não tinham a habilidade para realizar essa “técnica” eram considerados preguiçosos e ficavam à margem da sociedade, sem direito ao seu desenvolvimento linguístico.

De acordo com Brito (1995), o fato de considerar ou não as LS como línguas naturais não deveria requerer nem discussão, uma vez que, assim como as orais, as LS surgiram de forma espontânea, por meio da interação entre as pessoas, e uma vez que, graças à sua estrutura, permitem a expressão de qualquer conceito, seja ele emotivo, descritivo, racional, literal, metafórico, concreto ou abstrato. Dito de outra forma, as línguas de sinais “permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano” (BRITO, 1995, p. 3). Além disso, como provado em muitos estudos, como em Quadros e Karnopp (2004) e em Frydrych (2013), as línguas de sinais apresentam todas as características que há em qualquer língua oral, como arbitrariedade, variação, mudança etc.

Então, uma vez que a língua de sinais é tão língua quanto qualquer outra, é importante que voltemos os nossos olhares ao processo de aquisição linguística das pessoas surdas (ou que vivem em uma comunidade surda). Isso é importante, sobretudo, porque é preciso assegurar o direito à comunicação dessas pessoas que vivem em uma sociedade oral, a qual não leva em conta, muitas vezes, as particularidades que têm as crianças surdas.

## O PERÍODO PRÉ-LINGUÍSTICO

De acordo com Baker, Bogaerde e Jansma (2016), no estágio pré-linguístico, que ocorre do nascimento até aproximadamente o primeiro ano de vida, a criança surda não produz sinais ainda. Mesmo assim, ela já está em contato com um grande universo comunicativo, realizado por meio do contato visual, das expressões faciais, dos gestos, dos sinais e, também, por meio da fala (movimento dos lábios) e do toque. Tudo isso leva em consideração a atenção da criança, que estará focada na face dos adultos que estão à

sua volta. Será natural se ela tentar imitar as expressões faciais e os movimentos da boca. Com isso, também é natural que os adultos reajam a essas imitações, surgindo, assim, um princípio de conversação (*protoconversation*), em que bebê e adulto tomam turnos.

Vale dizer, nesse sentido, que, embora as mãos sejam as principais responsáveis por veicular a informação em uma LS, o foco de atenção quando há comunicação por meio dessa língua está voltado sobretudo para o rosto dos interlocutores (mesmo em adultos). Por essa razão, já nessa fase, a criança precisa aprender que a sua atenção deve estar voltada à face dos adultos.

Além disso, os pais de crianças surdas devem oferecer a maior quantidade possível de sinais para seus filhos, imitando os movimentos manuais que a criança faz. Isso é o que acontece, também, quando os adultos imitam os balbucios das crianças ouvintes, interagindo com ela. À medida que crescem, elas focam mais no mundo ao seu redor e começam a se interessar em pessoas e em objetos dos ambientes em que estão. Nessa fase, quando um adulto percebe, por exemplo, que a criança ouvinte direciona o seu olhar para o um relógio, ele nomeia esse objeto: “Olha o *relógio!*”. Isso não é possível com uma criança surda, tendo em vista que esta precisa aprender a dividir a sua atenção entre o objeto “relógio” e o sinal de “relógio”, que se refere ao objeto fruto de sua atenção. Assim, a aprendizagem da atenção visual apropriada à comunicação realizada por uma LS é um processo longo que só estará terminado por volta dos dois anos e meio a três anos de idade (BAKER, BOGAERDE, JANSMA, 2016).

Quando estão por volta dos sete ou oito meses, as crianças surdas começam a produzir alguns movimentos manuais ritmados. Esses movimentos manuais são comparados aos balbucios vocais de crianças ouvintes, ou seja, a repetição rítmica de movimentos articulatorios. De acordo com Pfau, Steinbach e Herrmann (2016), apenas crianças expostas a uma língua de sinais fazem esses movimentos, de forma que esse balbucio manual seria um “precursor” dos primeiros sinais reais.

Karnopp e Quadros (2011) fazem referência ao estudo de Petitto e Marantette (1991), que observaram o balbucio em bebês surdos e ouvintes no mesmo período de desenvolvimento – do nascimento até os 14 meses – e verificaram que o balbucio é um fenômeno em comum com todos os bebês, sendo uma capacidade inata para a linguagem, manifestada, portanto, não só por meio de sons, como também de sinais. As autoras detectaram, ainda, duas formas de balbucio manual: o silábico, que apresenta combinações que fazem parte do sistema linguístico das LS, e a gesticulação, que não tem uma organização interna.

Mais ou menos por volta dos nove meses, as crianças começam a apontar para objetos e pessoas. Nas línguas de sinais, existem diferenças entre esses apontamentos. Inicialmente, quando uma criança surda aponta para uma pessoa ou objeto, ela está realizando o mesmo procedimento que ocorre com uma criança ouvinte. No entanto, mais adiante, esse gesto de apontamento terá uma função gramatical dentro da comunicação em LS. Esse apontamento é comumente chamado de “*index*”.

Ainda no período pré-linguístico, os adultos devem se certificar se, quando forem sinalizar para as crianças surdas, estas estão olhando, de fato, para eles. Para isso, pode-se ganhar a atenção da criança dando um “tapinha”, com um aceno de mão no campo visual, direcionando seu rosto, entre outros. Dessa forma, as crianças surdas aprendem, por si mesmas, a ter um correto “comportamento de olhar”. Elas precisam perceber que, se olharem para os seus interlocutores muito tarde ou trocarem o foco de atenção enquanto está havendo a comunicação, perderão muitas das informações produzidas pelos adultos (*inputs*) (BAKER, BOGAERDE, JANSMA, 2016).

De acordo com Karnopp (1999), que investiga a Libras, deve-se atentar a três aspectos do desenvolvimento infantil de um surdo: a questão da percepção visual, da produção manual e da importância do *input* visual. Para a autora:

O input em língua de sinais é, obviamente, importante para que o bebê passa para as etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. Quanto à percepção, inicialmente ocorre contato visual entre os interlocutores e, então, o bebê surdo com a atenção visual voltada para a face do interlocutor capta indícios sutis no rosto que lhe servirão para atribuir significado aos sinais de sua língua. O uso de expressões faciais, a repetição de sinais e a utilização de movimentos mais lentos e amplos na articulação dos sinais são estratégias utilizadas pelos pais para atraírem a atenção visual dos bebês surdos. Por fim, quanto à produção manual, o período pré-linguístico caracteriza-se [...] pela produção do que é denominado balbucio manual, pelos gestos sociais (bater palmas, dar “tchau” e enviar beijinhos) e pela utilização do apontar (KARNOPP, 1999, p. 4).

## O PERÍODO DE UMA PALAVRA

No início do período linguístico, que ocorre entre um ano e dois anos e meio de idade, as crianças surdas começam a produzir seus primeiros sinais significativos e os sinais de *index* – considerando que elas receberam os devidos *inputs* de seus pais. De acordo com Baker, Bogaerde e Jamsna (2016), nesse período, há uma grande aquisição dos sinais chamados referenciais (ou significativos). Pode haver nesse período o que os

mesmos autores chamam de “superextensão” de significado (*overextension*); ou seja, é comum que as crianças surdas usem o sinal de “gato” para todos os animais pequenos, ou o sinal de “vovô” para todas as pessoas idosas. Isso, em certa medida, também ocorre com crianças ouvintes.

Com relação ao desenvolvimento fonológico, as crianças surdas que estão nesse período cometem alguns desvios quanto à forma dos sinais, sobretudo com relação à configuração de mão, ao movimento realizado e ao ponto de articulação. Na figura a seguir, vemos um exemplo em que há um desvio na configuração de mão para a realização do sinal de “papai” na Língua Americana de Sinais, mais conhecida como ASL. No primeiro quadro, o sinal padrão é apresentado, sendo realizado com a mão aberta tocando duas vezes a testa; na sequência, são mostrados três exemplos em que o ponto de articulação e o movimento estão corretos, mas a configuração de mão, não.

**Figura 1** Equívoco natural de configuração de mão.



Fonte: Baker, Bogaerde e Jamsna (2016, p. 57).

De acordo com Baker, Bogaerde e Jamsna (2016), embora as crianças, nessa fase, já sejam fisicamente aptas a produzir as configurações de mão próprias de suas LS (em termos de desenvolvimento motor), elas nem sempre os produzem adequadamente. Na ASL, assim como na Libras, as configurações de mão a seguir são as adquiridas em primeiro lugar:

**Figura 2** Configurações de mão não marcadas.



Fonte: Baker, Bogaerde e Jamsna (2016, p. 57).

De acordo com os autores supracitados, essas configurações, presentes em muitas LS, são mais fáceis de serem articuladas. Por essa razão, são chamadas de *configuração não marcadas*. Uma configuração marcada seria aquela cujo formato é

motoramente mais difícil de ser produzido, como a configuração de Y, em que o polegar e o dedo mínimo estão estendidos, enquanto os outros permanecem fechados:

**Figura 3** Configuração de mão marcada.



Fonte: Baker, Bogaerde e Jamsna (2016, p. 57).

Segundo Baker, Bogaerde e Jamsna (2016), tem sido observado em várias línguas de sinais que as crianças surdas normalmente trocam uma configuração de mão marcada por uma não marcada. Esse fenômeno é conhecido como *substituição* (*substitution*).

Assim, como ocorrem equívocos com as configurações de mãos, estes podem ocorrer, também, com o movimento e com o ponto de articulação do sinal. Com relação ao uso do movimento, é natural que as crianças, nesse estágio, prefiram produzir movimentos de forma mais próxima ao tronco, fenômenos chamado de *aproximação* (*proximalization*). Podemos dizer que esse processo de aproximação fonológica que ocorre nas crianças surdas é muito parecido ao desenvolvimento do controle motor da sistema fonador das crianças ouvintes; por exemplo, as consoantes produzidas na parte frontal da boca são mais fáceis de serem realizadas do que as produzidas na parte posterior, e um fechamento completo é mais fácil do que um fechamento parcial. Por isso, é comum encontrarmos crianças ouvintes que fazem a troca de consoantes velares por alveolares, como é o caso da produção de “tota-tola”, em vez de “coca-cola”.

## O PERÍODO DAS PRIMEIRAS COMBINAÇÕES

No período das primeiras combinações, normalmente ocorrido por volta de um ano e oito meses a dois anos, as crianças surdas começam a combinar os sinais. Essa combinação é geralmente formada pela produção de um sinal lexical com um *index*, ou sinal de apontamento, que tem funções referenciais. Esse sinal de apontamento (*index*)

adquire aos poucos um sentido linguístico e começa a funcionar como um pronome demonstrativo ou pessoal reto (BAKER, BOGAERDE, JANSMA, 2016).

Mais adiante, ocorre a combinação entre sinais lexicais. As crianças surdas, assim como as ouvintes, nomeiam as coisas e expressam relações semânticas como atributos, como em “lápiz azul”, ou como propriedades, como em “brinco da mamãe”.

Para Pfau, Steinbach e Herrmann (2016), as crianças surdas dessa fase, assim como as ouvintes, falam sobre eventos do “aqui e agora”, ou seja, daquilo que elas presenciam no momento da enunciação. Os tópicos de seus enunciados também são similares: o que está sendo feito, quem está fazendo algo, o que comeu, o que bebeu, do que está brincando etc. Além disso, o léxico amplia-se bastante. Já as combinações para mais elementos são mais lentas. Dificilmente se presencia, nesse estágio da criança surda, uma flexão verbal bem feita, embora a ordenação vocabular seja normalmente correta.

Como dissemos anteriormente, os pais precisam ter a certeza de que as crianças surdas podem ver os sinais que realizam, sobretudo nesse período, em que a criança deve aprender efetivamente a prestar atenção de forma visual para a comunicação manual. No início, as crianças começam a sinalizar sem checar a sua atenção visual, mas, por volta dos dois anos de idade, elas começam a ficar mais atentas ao fato de os seus interlocutores estarem ou não olhando para elas enquanto sinalizam.

## PERÍODO DAS COMBINAÇÕES MÚLTIPLAS

No estágio das combinações múltiplas, que ocorre por volta dos dois anos e seis meses até os cinco anos de idade, as frases aumentam de tamanho. Assim, a língua das crianças surdas passa a ser mais complexa, e as estruturas gramaticais se especializam. É agora que começam a ser usados os elementos não manuais, muito importantes nas LS, como as expressões faciais e os movimentos da cabeça, dos ombros e do restante do corpo com propósitos gramaticais.

A negação é um exemplo desse processo mais complexo de combinação. A mesma sequência de sinais manuais apresenta significados diferentes, como o balanço da cabeça para os lados ou para cima: respectivamente, uma em sentido negativo, outra afirmativo (BAKER, BOGAERDE, JANSMA, 2016).

O arqueamento das sobrancelhas é outro exemplo desse processo de combinação. As sentenças realizadas com as sobrancelhas arqueadas têm um teor

interrogativo. Isso pode parecer simples demais para nós ouvintes, mas, para a estrutura das línguas de sinais, esses marcadores são considerados bastante complexos. De acordo com Karnopp e Quadros (2001), esses aspectos gramaticais marcados na face são bastante complicados para as crianças surdas aprenderem, por que é pela face que as pessoas também denotam emoções. A criança precisa, assim, aprender a diferenciar essas duas funções para, só depois, conseguir produzi-las corretamente.

Muitas relações sintáticas são expressas nos chamados espaços de sinalização, que compreendem todo o espaço alcançado pelo sinalizador. No período de combinações múltiplas, as crianças começam a aprender a usar verbos com concordância. Na Língua Brasileira de Sinais, Quadros (2017) identifica os seguintes tipos de verbos:

**Verbos simples:** são verbos que não se flexionam em pessoa e número e não incorporam afixos locativos. Alguns desses verbos apresentam flexão de aspecto. Todos os verbos ancorados no corpo são verbos simples. Há também alguns que são feitos no espaço neutro. Exemplos dessa categoria são CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR, GOSTAR. [...]

**Verbos com concordância:** são verbos que se flexionam em pessoa, número e aspecto, mas não incorporam afixos locativos. Exemplos dessa categoria são DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR, que são subdivididos em concordância pura e reversa (backwards). Os verbos com concordância apresentam a direcionalidade e a orientação. A direcionalidade está associada às relações semânticas (source/goal). A orientação da mão voltada para o objeto da sentença está associada à sintaxe marcando Caso. [...]

**Verbos espaciais (+loc):** são verbos que têm afixos locativos. Exemplos dessa classe são COLOCAR, IR, CHEGAR.

Temos também os verbos manuais (verbos classificadores). Estes verbos usam classificadores e incorporam a ação. Exemplos dessa classe de verbos são COLOCAR-BOLO-NO-FORNO, SENTAR-NO-MURO (QUADROS, 2017, p. 3, grifos nossos).

De acordo com Baker, Bogaerde e Jamsna (2016), os recursos coesivos formais também passam a aparecer com maior frequência nessa fase. Por exemplo, quando um substantivo é sinalizado pela primeira vez em uma conversa (como “homem”), esse sinal é localizado em um espaço sintático determinado. Depois, quando a criança se referir novamente ao mesmo homem, em vez de repetir o sinal, ela usará um sinal de apontamento (*index*), apontando para o mesmo espaço sintático utilizado anteriormente. Assim, esse uso abstrato de espaço começa a ser usado pela criança cumprindo funções gramaticais.

Por fim, é importante mencionar um exemplo de uso da pragmática nas línguas de sinais. As crianças surdas, nessa fase, passam a pressupor aquilo que seus

interlocutores já sabem sobre o tópico da conversação e aquilo que eles ainda não sabem (foco). Assim, começam a estruturar suas sentenças informacionalmente de acordo com o estatuto de consciência que elas pressupõem que seus interlocutores já saibam (LAMBRECHT, 1994).

Como afirmam Pfau, Steinbach e Herrmann (2016), em todas essas fases, os eventos vivenciados para a aquisição de uma língua materna de sinais (L1) são muito parecidos com os vivenciados para a aquisição de uma língua materna oral.

### **Alcançando o estágio mais avançado**

Os detalhes mais finos de linguagem são adquiridos entre os cinco e nove anos de idade. Nesse período, o conhecimento básico de gramática e léxico já tomou o seu devido lugar. Obviamente, a língua se aperfeiçoará durante toda a vida, como ocorre com todos nós. Nesse sentido, começam a ser usadas estruturas gramaticais mais complexas, como orações subordinadas. Além disso, nessa fase, a datilologia (processo de identificação entre um sinal e uma letra do alfabeto) é aprendida, normalmente como resultado do convívio escolar, em que normalmente é utilizada como suporte inicial para a alfabetização. Em muitas línguas de sinais europeias, a boca tem um papel muito importante nesse processo de alfabetização; na ASL e na Libras, em contrapartida, a datilologia é a preferida ou usada em conjunto com o que chamamos de “mouthing” (BAKER; BOGAERDE; JAMSNA, 2016).

## **A AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA**

É comum ouvirmos que existe um período ideal para aprender/adquirir uma língua. E isso é um fato. Para a aquisição de uma segunda língua (L2), sendo esta uma LS ou uma Língua Oral (de agora em diante LO), o processo é o mesmo. Geralmente, as crianças têm mais facilidade para adquirir habilidades nativas em uma língua estrangeira do que um adulto. Assim, os chamados “aprendizes tardios” de uma língua têm uma maior dificuldade para obter um nível linguístico próximo ao nativo de uma língua de sinais. As pessoas que deixam para aprender uma língua de sinais mais tarde encontram dificuldades sobretudo na fonologia, nos aspectos não manuais e no uso gramatical do espaço, aspectos que são específicos para línguas de sinais e não ocorrem nas LO. Além disso, a variação linguística, como uso de sinônimos, regionalismos ou registros particulares também são especialmente difíceis para essas pessoas (BAKER, BOGAERDE, JANSMA, 2016).

A L1 de um falante influencia diretamente a aquisição/aprendizagem de uma L2/LE. Por exemplo, a ordenação vocabular de um LS é diferente de uma LO; assim, os aprendizes tendem a ter equívocos nesse sentido. Esse tipo de **interferência** pode ser visto, em alguns momentos, como um tipo de **interlíngua**, ou seja, uma fase que o aprendiz passa antes de adquirir a forma ideal de uso de uma segunda língua. Consideramos aqui “interlíngua” uma variedade linguística que carrega característica dos dois sistemas linguísticos; ela funciona como uma espécie de transição entre esses dois sistemas.

De acordo com Pfau, Steinbach e Herrmann (2016), todos os aprendizes de uma segunda língua precisam desativar sua primeira língua a fim de evitar interferências. Quando os aprendizes de uma segunda língua, sendo esta um LS, tem uma LO como materna, a LO precisa ser desativada. Uma vez que é possível produzir um sinal ao mesmo tempo que um som linguístico oral, pode haver uma mistura de palavras e sinais.

O que é muito importante também para a aquisição/aprendizagem de uma nova língua é o grau de contato com falantes nativos dessa nova língua, a fim de que haja maior uso e prática. Como afirmam Karnopp e Quadros (2001), não existe nenhum “país surdo” para que possamos visitar e, assim, praticar uma língua de sinais. O contato com falantes nativos de uma língua de sinais é, assim, bem mais raro de acontecer. Por essa razão, é mais difícil acessar *inputs* naturais de línguas de sinais, exceto por meio do contato direto com pessoas surdas. Além disso, é muito difícil encontrarmos algum canal televisivo veiculado nessa língua. Encontramos apenas um, veiculado pela BBC do Reino Unido, chamado “See Hear”. Para ter acesso a outros canais que veiculam uma LS, é preciso partir para a internet.

Assim, para adquirir/aprender uma língua de sinais, é preciso que seja reunido um complexo conjunto de características relacionadas à motivação de aprender essa língua, a aptidão, a idade e as oportunidades para usá-la de fato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, apresentamos os períodos por que passam as crianças surdas para a aquisição da LS como língua materna. Percorremos desde o período pré-linguístico até a fase de desenvolvimento mais complexo da língua. Vimos que muitos dos processos

que ocorrem nas LS são muito similares aos das LO: desde questões de desenvolvimento linguístico até equívocos e confusões sofridos.

O estudo da aquisição /aprendizagem de uma língua de sinais, no entanto, deve ir muito além. Não abordamos aqui, mas é preciso levar em consideração não só o contexto linguístico para o desenvolvimento das LS, como também o contexto extralinguístico. Por exemplo, crianças surdas filhas de pais surdos tendem a ter um processo de aquisição de uma LS de forma mais satisfatória do que crianças surdas filhas de pais ouvintes que dominam apenas uma LO. Além disso, há discussões importantes sobre surdos que usam implantes cocleares: alguns consideram que podem aprender apenas uma LO; outros que devem ser bilíngues bimodais (ou seja, dominar uma língua oral e uma língua de sinais). No entanto, essas questões serão mais bem estudadas com o tempo. Aqui, iniciamos uma investigação que acende a chama da curiosidade do pesquisador de línguas - sejam elas orais ou de sinais.

## REFERÊNCIAS

- BAKER, A.; BOGAERDE, B. v. d.; JAMSNA, S. Aquisition. In: BAKER, A. et al. *The Linguistics of Sign Languages: na introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 2016.
- KARNOPP, L. B. *Aquisição do parâmetro configuração de mão na língua brasileira de sinais (libras): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. Porto Alegre: PUCRS, Dissertação de Mestrado, 1999.
- KARNOPP, L. B.; QUADROS, R. M. Educação infantil para surdos. In: ROMAN, E. D.; STEYER, V. E. (Eds.). *A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado*. Canoas, 2001.
- LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and sentence form: topic, focus and the mental representations of discourse referents*. New York: Cambridge, 1994.
- QUADROS, R. M. *Phrase structure of brazilian sign language*. Porto Alegre: PUCRS, Tese de Doutorado, 1999.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Estudos linguísticos da língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PFAU, R.; STEINBACH, M.; HERRMANN, A. *A matter of complexity: Subordination in sign languages*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2016.
- RODRIGUES, Angélica; ALMEIDA-SILVA, Anderson. Reflexões sociolinguísticas sobre a libras (Língua de Sinais Brasileira). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 46 (2), p. 686-698, 2017.
- STOKOE, W. C. *Sign language structure*. Silver Spring: Linstok Press, [1960] 1978.

Data de recebimento: 01/10/2019

Data de aprovação: 03/12/2019